

Quando entramos no elevador, no final da noite. "Estou ARREBATADA, ASSOMBRADA, ABISMADA, você escolhe. Um caso raro em que a prosa e o enredo são igualmente deliciosos."

- Lena Dunham, criadora da série *Girls*

# CAROLINE KEPNES

# VOCÊ

ROCCO | HIFI | 11

CAROLINE KEPNES

VOCE

Tradução de  
Alexandre Martins



ROCCO

Para você, papai

“Para começar, queira Deus eu veja você  
amanhã.”

Harold Samuel Kepnes

29 de janeiro de 1947 – 13 de novembro de  
2012

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 43

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Agradecimientos

Créditos

A Autora

# 1

VOCÊ entra na livraria e mantém a mão na porta para garantir que ela não bata. Sorri, constrangida por ser uma garota legal, suas unhas estão sem esmalte, seu suéter de gola em V bege torna impossível saber se está usando sutiã, mas não acho que esteja. Você é tão limpa que chega a ser suja, e murmura sua primeira palavra para mim — “olá” — quando a maioria das pessoas simplesmente passaria por mim, mas não você em seu jeans rosa largo, um rosa saído de *A menina e o porquinho*, e de onde você veio?

Você é clássica e compacta, minha própria pequena Natalie Portman quase no final do filme *Closer* — *Perto demais*, quando está de rosto lavado, se cansou dos caras britânicos maus e segue para os Estados Unidos. Você

veio para mim, finalmente entregue em uma terça-feira, 10:06. Todo dia eu me transporto da minha casa em Bed-Stuy para esta loja no Lower East Side. Todo dia fecho sem encontrar alguém como você. Veja você, nascida em meu mundo hoje. Estou tremendo e tomaria um lorazepam, mas ele está lá embaixo, e eu não quero tomar um lorazepam. Não quero ficar mal. Quero ficar aqui, inteiramente, vendo você roer suas unhas sem esmalte, virar a cabeça para a esquerda, não, morder o mindinho, arregalar aqueles olhos, para a direita, não, rejeitar biografias, autoajuda (graças a Deus) e desacelerar ao chegar à ficção.

Isso!

Deixo você desaparecer nas prateleiras — Ficção F-K — e você não é a ninfa insegura padrão caçando um Faulkner que nunca vai terminar, nunca vai começar; Faulkner que irá endurecer e calcificar, se é que livros podem calcificar, em sua mesinha de cabeceira; Faulkner servindo apenas para convencer aventuras de uma noite de que você falou sério

quando jurou que não fazia esse tipo de coisa.

Não, você não é como aquelas garotas. Você não encena Faulkner, seu jeans é largo, você é bronzeada demais para Stephen King e desligada demais da moda para Heidi Julavits, e quem, quem você irá comprar? Você espirra, alto, e imagino quão alto é quando goza.

— Deus a abençoe! — digo.

Você ri e grita de volta, garota safada.

— Você também, camarada.

*Camarada.* Você está flertando, e se eu fosse o tipo de babaca que faz Instagram, fotografaria a placa F-K, filtraria a coisa e colocaria a legenda:

“F-K sim, eu a encontrei.”

*Calma, Joe. Elas não gostam quando um cara chega forte demais, lembro a mim mesmo. Graças a Deus por um cliente, e é difícil escanear o previsível Salinger dele — mas sempre é difícil fazer isso. Esse cara tem o quê, 36, e só agora está lendo *Franny e Zooey*? Vamos lá. Ele não está lendo. É só uma cobertura para os Dan Brown no fundo da cesta. Trabalhe em uma livraria e aprenda que a maioria das pessoas no*

mundo se sente culpada por ser quem é.

Coloco na sacola primeiro o Dan Brown, como se fosse pornografia infantil, digo que *Franny e Zooey* é do cacete, ele concorda, e você ainda está em F-K, pois consigo ver, ligeiramente, seu suéter bege através das prateleiras. Se você se esticar um pouco mais para cima, verei sua barriga. Mas você não faz isso. Você pega um livro e se senta no corredor, e talvez passe a noite toda ali. Talvez seja como o filme de Natalie Portman *Onde mora o coração*, adaptado sem qualquer fidelidade do livro de Billie Letts — melhor que a média para aquele tipo de lixo —, e a encontrarei no meio da noite. Só que você não estará grávida e eu não serei o homem submisso do filme. Eu me inclinarei sobre você e direi: “Desculpe, senhorita, mas estamos fechados”, e você erguerá os olhos e sorrirá. “Bem, eu não estou fechada.” Um respiro. “Estou totalmente aberta. Camarada.”

— Ei — corta Salinger-Brown. Ele ainda está aqui? Ele ainda está aqui. — Consigo um recibo?

— Sinto muito.

Ele o arranca da minha mão. Ele não me odeia. Odeia a si mesmo. Se as pessoas conseguissem lidar com o ódio a si mesmas, o atendimento ao cliente seria mais suave.

— Quer saber, garoto? Quem pensa que é? Você trabalha em uma livraria. Você não faz os livros. Não escreve os livros e, se fosse bom em ler os livros, provavelmente não trabalharia em uma livraria. Então tire essa expressão de superioridade do rosto e me deseje um bom dia.

Aquele homem poderia me dizer qualquer coisa no mundo e ainda seria aquele que compra Dan Brown envergonhado. Você aparece, agora, após ouvir o babaca, com seu sorriso íntimo de Portman. Eu olho para você. Você olha para ele, que ainda está me encarando, esperando.

— Tenha um bom dia, senhor — digo, e ele sabe que não falo a sério, odeia ansiar por platitudes de um estranho. Quando ele vai embora, eu grito novamente porque você está escutando. — Aproveite o Dan Brown, babaca!

Você se aproxima, rindo, e graças a Deus que é de manhã, não acontece nada de manhã e ninguém vai se meter no nosso caminho. Você pousa a cesta de livros no balcão e provoca.

— Também vai me julgar?

— Que babaca, não é?

— Ah, provavelmente só está de mau humor.

Você é um doce. Você vê o melhor nas pessoas. Você me complementa.

— Bem — digo, e me calo, e quero me calar, mas você me faz querer falar. — Aquele cara é a razão pela qual a Blockbuster não devia ter quebrado.

Você olha para mim. Está curiosa e eu quero saber de você, mas não posso perguntar, então apenas continuo a falar.

— Todo mundo está sempre lutando para melhorar, perder três quilos, ler três livros, ir a um museu, comprar um disco de clássicos, escutar e gostar. O que eles realmente querem é comer rosquinhas, ler revistas, comprar discos de pop. E livros? Fodam-se os livros.

Arrume um Kindle. Sabe por que os Kindles fazem tanto sucesso?

Você ri, sacode a cabeça e está me escutando até o ponto em que a maioria das pessoas divaga e pega seu celular. E você é bonita, e pergunta:

— Por quê?

— Vou lhe dizer. A internet leva pornô até sua casa...

Acabei de dizer *pornô*, que idiota, mas você ainda está escutando, que bonequinha.

— E você não precisa sair para conseguir. Não tem de fazer contato visual com o cara na loja que sabe que você gosta de ver garotas sendo espancadas. O contato visual é o que nos mantém civilizados.

Seus olhos são amêndoas, e eu continuo.

— Expostos.

Você não usa aliança, e eu continuo.

— Humanos.

Você é paciente e eu preciso calar a boca, mas não consigo.

— E o Kindle, o Kindle elimina toda a integridade de nossa leitura, exatamente o que

a internet fez com o pornô. Os controles desaparecem. Você pode ler seu Dan Brown em público e privadamente ao mesmo tempo. É o fim da civilização. Mas...

— Sempre há um mas — você diz, e aposto que vem de uma grande família de pessoas saudáveis e amorosas que abraçam muito e cantam músicas ao redor da fogueira.

— Mas sem lugares para comprar filmes ou discos, sobraram os livros. Não há mais locadoras de vídeo, então não há mais nerds que trabalham em locadoras de vídeo e citam Tarantino, brigam por causa de Dario Argento e odeiam pessoas que alugam filmes de Meg Ryan. Aquele ato, a interação entre vendedor e comprador, é a rua de mão dupla mais importante que tínhamos. E você não pode simplesmente eliminar ruas de mão dupla assim e não esperar um efeito ruim, sabe?

Não sei se você sabe, mas você não me manda parar de falar como as pessoas algumas vezes fazem, e assinto.

— Hã-hã.

— Veja, a loja de discos era o grande

equalizador. Dava poder aos nerds. *Você realmente está comprando Taylor Swift?* Mesmo que todos aqueles nerds fossem para casa e tocassem uma para Taylor Swift.

*Pare de falar Taylor Swift.* Você está rindo de mim ou comigo?

— Enfim... — digo, e vou parar caso você mande.

— Enfim — você diz, e quer que eu termine.

— A questão é que comprar coisas é uma das poucas atividades honestas que fazemos. Aquele cara não entrou aqui por causa de Dan Brown ou Salinger. Aquele cara entrou aqui para se confessar.

— Você é padre?

— Não. Sou uma igreja.

— Amém.

Você olha para sua cesta, eu pareço um solitário perturbado, e olho em sua cesta. Seu celular. Você não o vê, mas eu sim. Está rachado. Tem uma capa amarela. Significa que você só cuida de si mesma quando está além da redenção. Aposto que toma zinco no terceiro

dia de um resfriado. Pego seu telefone e tento fazer uma piada.

— Você roubou isso daquele cara?

Você pega o celular e fica corada.

— Eu e este telefone... — você diz. — Sou uma mamãe ruim.

*Mamãe.* Você é uma safada, se é.

— Não.

Você sorri, e decididamente não está usando sutiã. Tira os livros da cesta, coloca a cesta no chão e olha para mim como se fosse completamente impossível, para mim, criticar algo que você fizesse. Seus mamilos endurecem. Você não os cobre. Percebe os Twizzlers que guardo ao lado da registradora. Aponta, com fome.

— Posso?

— Sim — digo, e já a estou alimentando. Pego seu primeiro livro, *Impossible Vacation*, de Spalding Gray. — Interessante. A maioria das pessoas leva os monólogos. Este é um grande livro, mas não um livro que as pessoas costumem comprar, particularmente mulheres jovens que não parecem pensar em suicídio,

considerando o destino do autor.

— Bem, algumas vezes você simplesmente quer ir a um lugar escuro, sabe?

— É — digo. — É.

Se fôssemos adolescentes, eu poderia beijar você. Mas estou em uma plataforma atrás de um balcão com uma plaqueta de identificação, e somos velhos demais para sermos jovens. Movimentos noturnos não funcionam de manhã, e a luz penetra pelas vitrines. Livrarias não deveriam ser escuras?

*Lembrete: dizer ao sr. Mooney para colocar venezianas. Cortinas. Alguma coisa.*

Pego seu segundo livro, *Desesperados*, de uma de minhas autoras preferidas, Paula Fox. É um bom sinal, mas você poderia estar comprando por ter lido em algum blog idiota que ela é a mãe biológica de Courtney Love. Não tem como ter certeza de que você está comprando Paula Fox por ter chegado a ela pelo caminho certo, um ensaio de Jonathan Franzen.

Você enfia a mão na carteira.

— Ela é a melhor, certo? Fico arrasada por não ser mais famosa, mesmo com Franzen

babando por ela, sabe?

*Graças a Deus.* Eu sorrio.

— *A Costa Oeste.*

Você desvia os olhos.

— Ainda não fui lá — você diz. Eu olho e você ergue as mãos, se rendendo. — Não atire.

Você dá um risinho e eu desejo que seus mamilos ainda estivessem duros.

— Vou ler *A Costa Oeste* algum dia, e *Desesperados* eu já li zilhões de vezes. Este é para um amigo.

— Hã-hã — digo, e as luzes vermelhas de perigo piscam. *Para um amigo.*

— Provavelmente é perda de tempo. Ele nem sequer vai ler. Mas pelo menos ela vende um livro, certo?

— Verdade.

Talvez ele seja seu irmão, ou seu pai, ou um vizinho gay, mas sei que é um *amigo*, e bato na calculadora.

— São 31,51.

— Deus do céu. Olha, é por isso que os Kindles mandam — diz enquanto abre a carteira rosa-porco de Zuckerman e me dá o

cartão de crédito, embora tenha dinheiro suficiente nela para pagar. Quer que eu saiba seu nome, eu não sou maluco, pego o cartão e o silêncio entre nós está ficando mais alto, e por que não coloquei música hoje e não consigo pensar em nada a dizer.

— Aí vamos nós — digo, e ofereço o recibo.

— Obrigada — você murmura. — Está é uma ótima livraria.

Você está assinando, e é Guinevere Beck. Seu nome é um poema e seus pais são cretinos, provavelmente, como a maioria dos pais. *Guinevere*. Qual é.

— Obrigado, Guinevere.

— Eu realmente prefiro apenas Beck. Guinevere é meio que comprido e ridículo, sabe?

— Bem, Beck, você parece diferente pessoalmente. E *Midnite Vultures* é impressionante.

Você pega sua sacola de livros e não rompe o contato visual porque quer que eu a veja me olhando.

— Legal, Goldberg.

— Não, é apenas Joe. Goldberg é meio que comprido e ridículo, sabe?

Estamos rindo, e você queria saber meu nome tanto quanto eu queria saber o seu, ou não teria lido meu crachá.

— Tem certeza de que não quer levar *A Costa Oeste* enquanto está aqui?

— Isso pode parecer maluquice, mas estou guardando. Para a lista da casa de repouso.

— Quer dizer o que fazer antes de morrer.

— Ah, não, é totalmente diferente. Uma lista de casa de repouso é uma lista de coisas que você planeja ler e ver quando estiver na casa de repouso. Uma lista do que fazer antes de morrer é mais como... Visitar a Nigéria, pular de um avião. Uma lista de casa de repouso é como ler *A Costa Oeste*, ver *Pulp Fiction* e escutar o último álbum do Daft Punk.

— Não consigo imaginar você em uma casa de repouso.

Você enrubesce. Você é *A menina e o porquinho* e eu poderia amar você.

— Não vai me desejar um bom dia?

— Tenha um bom dia, Beck.

Você sorri.

— Obrigada, Joe.

Você não entrou aqui por causa dos livros, Beck. Você não precisava dizer meu nome. Não precisava sorrir, escutar ou me dar atenção. Mas fez isso. Sua assinatura está no recibo. Essa não foi uma transação em dinheiro e não foi um débito. Isso foi real. Eu aperto o polegar na tinta fresca de seu recibo e a tinta de Guinevere Beck suja minha pele.

## 2

EU conheci e.e. cummings da forma mais sensível e inteligente pela qual homens da minha idade chegam a e.e. cummings, por intermédio de uma das cenas mais românticas de uma das histórias de amor mais românticas de todos os tempos, *Hannah e suas irmãs*, na qual um nova-iorquino inteligente, sofisticado e casado, chamado Elliot (Michael Caine) se apaixona pela cunhada (Barbara Hershey). Ele precisa ter cuidado. Não pode fazer um avanço descontraído. Ele espera perto do apartamento dela e encena um encontro fortuito. Brilhante, romântico. O amor demanda trabalho. Ela fica surpresa de se deparar com ele e o leva à Pageant Bookstore — estão sacando a coisa aqui? —, onde ele compra para ela um livro de poemas de e.e. cummings e a remete ao poema

da página 112.

Ela se senta sozinha na cama, lendo o poema, enquanto ele está em pé no banheiro pensando nela, e nós a ouvimos ler. Meu trecho preferido do poema:

“Ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas.”

Exceto você, Beck. Nos últimos dias eu aprendi muito. Você coloca suas mãozinhas para trabalhar em você quando entra no clima, o que acontece com frequência, me lembrando de outra piada em *Hannah*, onde Mia Farrow provoca Woody Allen por ter se arruinado com masturbação excessiva. Você está bem, espero.

O problema da sociedade é que se a pessoa mediana soubesse sobre nós — você, sozinha, chegando ao orgasmo três vezes por noite, e eu, do outro lado da rua, vendo você chegar ao orgasmo, sozinho —, a maioria das pessoas diria que sou perturbado. Bem, não é segredo que a maioria das pessoas é de malditos idiotas. A maioria das pessoas é como mistérios baratos, e a maioria das pessoas nunca ouviu falar de Paula Fox ou *Hannah*, então, sinceramente,

Beck, foda-se a maioria das pessoas, certo?

Além disso, gosto de você cuidar de si mesma em vez de encher a casa e a xoxota com uma série de homens inadequados. Você é a resposta a todos os artigos banais e reducionistas sobre a “cultura do ficar”. Você tem parâmetros e você é Guinevere, uma história de amor esperando pelo certo, e aposto que você coloca em maiúsculas o Cara Certo, quando sonha com ele. Comigo. Todos querem tudo exatamente agora, mas você é capaz de esperar com...

*... mãos tão pequenas.*

Seu nome foi um ponto de partida glorioso. Sorte nossa não haver muitas Guinevere Beck no mundo — apenas uma. A primeira coisa que tive de descobrir foi sua casa, e a internet foi projetada tendo em mente o amor. Seu perfil no Twitter me deu muito sobre você, Beck:

Guinevere Beck

@TheUnRealBeck

“Nunca tive um pensamento não dito. Eu escrevo histórias. Eu leio histórias. Eu falo com

estranhos. Nantucket é meu namoradinho, mas Nova York é minha puta.”

Suas biografias reveladoras em vários periódicos on-line que publicam seus posts (a não ser que você queira chamá-los de ensaios), suas anotações de diário levemente veladas (a não ser que queira chamá-las de contos), e os poemas que às vezes escreve a expuseram. Você é uma escritora nascida e criada em Nantucket, e brinca sobre a consanguinidade na ilha (embora não seja fruto de), sobre velejar (tem pânico de barcos) e alcoolismo (perdeu seu pai para a garrafa e escreve muito sobre isso). Sua família é tão unida quanto desunida. Você não sabe como viver aqui, na cidade onde ninguém conhece ninguém, embora tenha quatro anos de prática como aluna da Brown. Você foi aceita a partir da lista de espera, e continua convencida de que houve algum tipo de equívoco. Você gosta de polenta e barra de cereais de cereja Lärabars. Você não tira fotos de comida ou concertos, mas usa Instagram (na verdade apenas coisas velhas, retratos de seu pai morto, fotografias de dias na praia de que

não tem como se lembrar). Você tem um irmão, Clyde. Seus pais realmente foram cretinos nos nomes. Você tem uma irmã, Anya (cretinos graves, mas não do tipo que eu acharia). Registros imobiliários mostram que sua casa está desde sempre na família. Você tem antepassados fazendeiros e gosta de dizer que não tem “um lugar” em Nantucket, mas que lá sua família criou *um lar*. Cheia de alertas, você é como um selo de perigo em um maço de cigarros.

Anya é uma insulana, e nunca partirá. Ela é o bebê que não quer nada além de caminhar na praia e uma clara distinção entre verão e a desolação endêmica de uma armadilha de turistas sazonal. Anya é perturbada por causa do seu pai. Você escreve sobre ela em suas histórias e a transforma em um garotinho ou numa velha cega ou, uma vez, num esquilo perdido, mas é claro que está escrevendo sobre sua irmã. Você a inveja. Como ela pode não ter o peso da ambição? Você sente pena dela. Como ela pode não ter ambição?

Clyde é o mais velho e comanda a empresa



de sua bio no Twitter. “Eu falo com estranhos”. Que porra é essa, Beck? Crianças não devem falar com estranhos, mas você é adulta. Ou nossa conversa não é nada para você? Eu sou apenas outro *estranho*? Sua bio no Twitter é sua forma sutil de anunciar que é louca por atenção, que não tem padrões, e que dará audiência a qualquer cretino que diga olá? Eu não fui nada para você? Você nem sequer mencionou o cara na livraria? *Cacete*, pensei, *talvez eu estivesse errado*. Talvez não tivéssemos nada. Mas então comecei a explorar, e você não escreve sobre o que realmente importa. Você não me partilha com seus *seguidores*. Sua vida on-line é um programa de variedades, então, se significa algo, o fato de que não me colocou em sua encenação significa que você me deseja. Talvez ainda mais do que eu me dê conta, já que neste instante sua mão está novamente descendo para sua xoxota.

A coisa seguinte que a internet me deu foi o endereço. Bank Street, 51. Está de sacanagem comigo? Este não é um quarteirão agitado de Midtown onde abelhas operárias ansiosas

correm de e para o escritório; é um imóvel elegante, entediado, ridiculamente seguro e caro de West Village. Não posso simplesmente me deixar ficar no seu quarteirão; tenho de combinar com o pessoal pretensioso. Vou ao brechó. Compro um terno (empresário, ou motorista, ou gigolô), calças de carpinteiro e um tipo de cinto de ferramentas (operário de folga), e uma bosta de um agasalho de corrida (babaca cuidando de seu corpinho precioso). Visto o terno em minha primeira visita e adoro aqui, Beck. É a velha Nova York refinada, e espero que Edith Wharton e Truman Capote atravessem a rua de mãos dadas, cada um levando um copo de papel de café grego, com a aparência que tinham quando no auge, como se tivessem sido conservados em formol. Princesas moram neste quarteirão e Sid Vicious morreu nesta quadra há muito tempo, quando as princesas gestavam, quando Manhattan ainda era legal. Fico do outro lado da rua, suas janelas estão abertas (nada de cortinas) e a vejo servir cereal instantâneo em uma tigela Tupperware. Você não é uma princesa. Seu

Twitter confirma que ganhou algum tipo de loteria imobiliária:

“Ah, sem querer soar como @AnnaKendrick47, mas eu adoro vocês, nerds impressionantes da @BrownBiasedNYC, e mal posso esperar para me mudar para a Bank St.”

Eu me sento no patamar e entro no Google. A Brownstone Biased Lottery é um concurso de ensaios para alunos da universidade Brown que precisam de alojamento para estudar em Nova York. O apartamento passou anos na *família Brown* (seja lá o que isso signifique). Você é uma candidata a mestrado em redação de ficção, então não surpreende que tenha ganhado uma loteria que na verdade é um concurso de ensaios. E Anna Kendrick é uma atriz no filme *A escolha perfeita*, sobre universitárias que cantam em concursos a capela. Você se identifica com essa garota, o que não faz nenhum sentido. Eu assisti ao filme *A escolha*. Aquela garota nunca viveria do modo como você vive.

As pessoas passam por seu apartamento térreo, ligeiramente acima da rua, e não param

para olhar embora você esteja realmente em exibição. Suas duas janelas estão escancaradas, e você tem sorte de esta não ser uma rua movimentada. Isso deve explicar a ilusória sensação de privacidade que tem. Eu retorno na noite seguinte (mesmo terno, não consigo evitar), e você circula *nua* diante das janelas abertas. Nua! Fico novamente na escada do outro lado da rua, e você não me percebe, e ninguém percebe você *ou* eu, e todo mundo aqui está cego, cacete?

Dias se passam e fico ansioso. Você desfila demais, é inseguro, só é preciso *um* esquisitão para ver você do lado de dentro e decidir pegá-la. Alguns dias depois visto meu disfarce de carpinteiro e fantasio sobre colocar grades em suas janelas, proteger essa vitrine que você chama de *lar*. Considero esta vizinhança segura, e ela é, mas há mortalidade no silêncio daqui. Eu provavelmente poderia estrangular um velho no meio da rua e ninguém sairia para me deter.

Volto no meu terno (muito melhor que o traje de carpinteiro) e uso um boné dos

Yankees que encontrei em outro brechó (eu sou babaca assim!), para confundir só no caso de você notar, o que não faz. Um homem que mora no seu prédio sobe a escada muito pequena (apenas três degraus) que leva a uma porta exterior (não está trancada!), e aquela porta fica muito perto do seu apartamento. Se ele quisesse (e quem não iria querer), poderia se curvar sobre as grades, bater os nós dos dedos em sua tela e chamar seu nome.

Eu venho de dia, de noite, e toda vez aqui suas janelas estão abertas. É como se você nunca tivesse visto o noticiário noturno ou um filme de terror, e eu me sento nos degraus da casa do outro lado da pequena rua limpa, em frente ao seu prédio, e finjo ler o *Pobre George* de Paula Fox, escrever para meus colegas de trabalho (rá!) ou telefonar para um amigo atrasado e concordar em voz alta esperar mais vinte minutos. (Isso é para o vizinho que sempre pode estar escondido, desconfiado do homem nos degraus; eu vi muitos filmes.) Com sua política de portas abertas eu sou autorizado a entrar em seu mundo. Sinto o cheiro de sua

comida congelada se o vento ajuda e ouço seu Vampire Weekend, e, se finjo bocejar e olho para cima, posso ver você passando o tempo, bocejando, respirando. Você sempre foi assim? Fico pensando se foi assim em Providence, desfilando como se quisesse que os poucos vizinhos a soubessem nua, seminua, viciada em comida de micro-ondas e se masturbando a plenos pulmões. Espero que não, espero que haja uma lógica nisso, e que você me explique quando chegar o momento. E você com seu computador, como se precisasse lembrar à sua plateia imaginária que é uma escritora quando nós (eu) sabemos o que realmente é: uma atriz, uma exibicionista.

E o tempo todo tenho de ficar vigilante. Estico os cabelos para trás um dia e os uso desgrenhados no seguinte. Não devo ser notado pelas pessoas que não notam pessoas. Afinal, se a pessoa comum soubesse de uma garota frequentemente nua desfilando diante de uma janela aberta e um cara apaixonado do outro lado da rua observando discretamente, diria que eu sou o maluco. Mas é você a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).